

A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa

Elisa Antonia Ribeiro*

Resumo – Este artigo pretende refletir sobre algumas das dificuldades mais comuns encontradas pelos alunos do curso de licenciatura em Pedagogia quando se deparam com o desafio de elaborarem o projeto de pesquisa da monografia. Procuramos tratar as questões apresentadas, neste artigo, de forma clara e objetiva, um tratamento exaustivo, devido à intencionalidade da escrita que foi a de ser um texto para tratar de noções gerais da pesquisa. Assim, buscamos clarificar o sentido de se fazer pesquisa; estabelecemos, ainda, a análise crítica acerca da abordagem qualitativa. Mostramos, também, de forma enunciativa, noções conceituais do tipo de pesquisa do ponto de vista dos objetivos e dos procedimentos técnicos. Na parte final e mais densa do artigo, esclarecemos quais são as características importantes do entrevistador e quais os procedimentos necessários para a utilização da Entrevista como um instrumento de coleta de dados. Acreditamos que este trabalho traz uma contribuição importante àqueles que enfrentam o desafio de pesquisar – a compreensão de que a pesquisa científica é um procedimento acessível a todos que a almejam, e não para alguns poucos “iluminados”.

Palavras-chave: pesquisa científica, paradigma qualitativo, entrevista

“Curiosidade, criatividade, disciplina e especialmente paixão são algumas exigências para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, baseado no confronto permanente entre o desejo e a realidade”.

Mirian Goldenberg

Este artigo foi produzido a partir da constatação da necessidade que os alunos da graduação apresentam quando se deparam com a elaboração dos projetos de pesquisa. Essas necessidades foram percebidas pela autora que é professora da Disciplina Metodologia da Pesquisa Educacional no curso de Pedagogia em uma

instituição de educação superior privada. Esta disciplina visa fornecer informações básicas de metodologia da pesquisa, servindo de guia à elaboração do projeto de monografia, descreve princípios teóricos e fornece orientações práticas que ajudam o acadêmico a aprender a pensar criticamente.

Trataremos, portanto, de conceituar o termo pesquisa científica de acordo com a concepção de alguns autores, demonstrar conceitualmente os fundamentos do paradigma qualitativo, evidenciar as características de um problema de cunho científico e, por fim, faremos uma densa discussão acerca da técnica de coleta de dados – entrevista, em resposta às diversas inquietações dos acadêmicos, por ser este instrumento, recorrentemente, utilizado nas pesquisas qualitativas.

Anotações preliminares: o sentido do pesquisar

A elaboração de um projeto de monografia exige, essencialmente, que se entenda o que é uma pesquisa científica, por que e para que se pesquisa. Essas definições, quando traduzidas para a compreensão dos acadêmicos, por meio de exemplificações, ajudam-nos na compreensão dos demais componentes do projeto de pesquisa.

Luna (1988, p. 71) refere-se à pesquisa como “uma atividade de investigação capaz de oferecer e, portanto, produzir um conhecimento ‘novo’ a respeito de uma área ou de um fenômeno, sistematizando-o em relação ao que já se sabe”. Essa mesma autora esclarece que toda pesquisa implica o preenchimento de três requisitos básicos:

- a) A existência de um questionamento ou hipóteses levantadas a respeito de um determinado tema, que deverão ser solucionadas através de resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa, chegando-se ao objetivo inicial proposto.
- b) A descrição e a elaboração de uma gama de procedimentos, métodos ou técnicas que permitam responder às perguntas

adequadamente.

c) O estabelecimento de uma inter-relação entre entrevistador-intervistado para que se crie o vínculo e o grau de confiabilidade, resultando em dados fidedignos para a pesquisa, isto é, se houver necessidade da coleta através de entrevista.

Gil (1999, p. 45) também conceitua pesquisa como

procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. (...) A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos (...) ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

Para Demo (1996, p. 34), a pesquisa científica se caracteriza como atividade cotidiana considerando-a como um a atitude, um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

Os três autores, cujos conceitos são apresentados, convergem o entendimento de que pesquisar é fazer provocações à realidade no sentido de produzir conhecimentos, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. Em se tratando de Ciência, pesquisa é a busca de solução a um problema que alguém queira saber a resposta.

Pesquisa é, portanto, o caminho para se chegar à ciência, ao conhecimento.

É na pesquisa que utilizaremos diferentes instrumentos para se chegar a uma resposta mais precisa. O instrumento ideal deverá ser estipulado pelo pesquisador para se atingir os resultados ideais. Num exemplo grosseiro, eu não poderia procurar um tesouro numa praia cavando um buraco com uma picareta; eu precisaria de uma pá. Da mesma forma, eu não poderia fazer um buraco no cimento com uma

pá; eu precisaria de uma picareta. Por isso, a importância de se definir o tipo de pesquisa e da escolha do instrumental ideal a ser utilizado.

Toda proposta de pesquisa envolve um planejamento. Podemos de uma forma simples dizer que o planejamento da pesquisa é o estabelecimento do norte da pesquisa e o envolvimento permanente do pesquisador com o seu objeto de investigação. Podemos dizer que pesquisar é um trabalho que envolve um planejamento análogo ao de um cozinheiro, pois ao preparar um prato, o cozinheiro precisa saber o que ele quer fazer, obter os ingredientes, assegurar-se de que possui os utensílios necessários e cumprir as etapas requeridas no processo. Um prato será saboroso na medida do envolvimento do cozinheiro com o ato de cozinhar e de suas habilidades técnicas na cozinha. O sucesso de uma pesquisa também dependerá do procedimento seguido, do seu envolvimento com a pesquisa e de sua habilidade em escolher o caminho para atingir os objetivos da pesquisa.

A natureza da pesquisa: qualitativa x quantitativa.

Cabe analisar a pesquisa em função da sua natureza que, segundo Triviños (1987), pode ser quantitativa, qualitativa, ou ambas ao mesmo tempo. Para este autor, a busca de resultados objetivos pode conduzir alguns pesquisadores a desenvolver sua investigação baseados exclusivamente em procedimentos estatísticos, levando-os a desperdiçar material importante para o avanço de uma interpretação mais ampla do objeto de estudo. Para a discussão, recorreremos, ainda, ao pensamento de Demo (1986) e Stake (1983).

A pesquisa qualitativa surgiu a partir do trabalho em antropologia e sociologia. Sua inserção no contexto educacional, na década de 70, contribuiu para denunciar que os dados quantitativos precisavam de um novo olhar. A abordagem qualitativa apresenta-se como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pela realidade em investigação, em lugar da produção meramente quantitativa de características e comportamentos. Garnica (2004) caracteriza pesquisa qualitativa como aquela que

tem as características abaixo:

(a) a transitoriedade de seus resultados; (b) a impossibilidade de uma hipótese *a priori*, cujo objetivo da pesquisa será comprovar ou refutar; (c) a não neutralidade do pesquisador que, no processo interpretativo, vale-se de suas perspectivas e filtros vivenciais prévios dos quais não consegue se desvencilhar; (d) que a constituição de suas compreensões dá-se não como resultado, mas numa trajetória em que essas mesmas compreensões e também os meios de obtê-las podem ser (re)configuradas; e (e) a impossibilidade de estabelecer regulamentações, em procedimentos sistemáticos, prévios, estáticos e generalistas (p. 86).

As três diferentes bases teóricas da pesquisa qualitativa - estrutural-funcionalista, fenomenológica e materialista-dialética - impossibilitam um tratamento mais preciso, em termos de definição e caracterização da mesma, que atenda aos requisitos dessas três direções. Por isso, o teor do enfoque qualitativo dependerá do referencial teórico do pesquisador, entretanto, serão apresentadas, a seguir, suas definições e características genéricas.

O estudo qualitativo se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto, se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

Tende-se a denominar a pesquisa qualitativa como pesquisa de campo, porque o investigador atua no meio onde o objeto de estudo desenvolve-se, bem diferente das dimensões e características de um laboratório.

Contudo, as duas abordagens não se excluem. A abordagem quantitativa atua em níveis de realidade nos quais os dados trazem à tona indicadores e tendências observáveis. A abordagem qualitativa realça os valores, as crenças, as representações, as opiniões, atitudes e, usualmente, é empregada para que o

pesquisador compreenda os fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna do fenômeno pesquisado.

Embora se atribua à pesquisa qualitativa a característica descritiva, isto diz respeito à abundância de detalhes presentes nas descrições feitas pelo pesquisador e não ao entendimento intrínseco de investigação descritiva, quanto ao rigor na utilização da estatística e de técnicas de coleta de dados, pois, como já foi dito anteriormente, a pesquisa qualitativa é recente e nasceu de uma visão mais para inovadora que tradicional de pesquisa.

Uma crítica constante à abordagem qualitativa refere-se a se há rigorosidade metodológica, ou seja, à problemática da verificação de seus dados. Em outras palavras, os seus critérios de cientificidade são questionados. Segundo Demo (1986), os critérios internos são: coerência - discurso logicamente construído; consistência - qualidade argumentativa do discurso; originalidade - contribuição do conhecimento; objetivação - abordagem teórico-metodológica de aproximação da realidade.

Para este autor há também um critério externo de cientificidade: a intersubjetividade, ou seja, “a ingerência da opinião dominante dos cientistas de determinada época e lugar de demarcação científica.” (DEMO, 1986, p.17).

Luria (1983) *apud* Freitas (2002, p.23) comenta que Marx descreve esse processo, a investigação qualitativa, com a singular expressão: ascender ao concreto. As palavras de Luria expressam a sua convicção de que a abordagem científica tradicional quantitativa é fundamentalmente limitada com respeito à vida. Para ele, a ciência tem de ter algo mais, um complemento indispensável: a arte tem de entrar na ciência, na qualidade de arte da descrição.

Na mesma linha de pensamento, Bakhtin (1985) *apud* Freitas (2002, p.23-24), em seu último texto escrito, “*Por uma metodologia das ciências humanas*”, é provocador da reflexão inspiradora de uma nova atitude em relação à pesquisa. Nele, Bakhtin diz que as ciências humanas não podem, por ter objetos distintos, utilizar os mesmos métodos das ciências exatas. As ciências humanas estudam o homem em sua especificidade humana, isto é, em processo de contínua expressão e criação. Considerar o homem e estudá-lo independentemente dos textos que cria

significa situá-lo fora do âmbito das ciências humanas.

Prossegue Freitas (2002) dizendo que para Bakhtin, não é possível compreender o homem, sua vida, seu trabalho, suas lutas, senão por meio de textos signos criados ou por criar. Nesse sentido, o homem não pode ser estudado como um fenômeno da natureza, como coisa. A ação física do homem precisa ser compreendida como um ato, porém, este ato não pode ser compreendido fora de sua expressão “sínica”, que é por nós recriada. Não perguntamos à natureza e a natureza não nos contesta. Perguntamos a nós mesmos e organizamos de uma maneira determinada a observação ou o experimento para obter a resposta. Estudando o homem em todas as partes buscamos e encontramos signos e tratamos de compreender seu significado. (BAKHTIN 1985, p.305, *apud* FREITAS, 2002, p.24).

Freitas (2002) declara que nas ciências exatas, o pesquisador encontra-se diante de um objeto mudo que precisa ser contemplado para ser conhecido. O pesquisador estuda esse objeto e fala sobre ele ou dele. Está numa posição em que fala desse objeto, mas não com ele, adotando, portanto, uma postura monológica.

Já nas ciências humanas, seu objeto de estudo é o homem, “ser expressivo e falante”. Diante dele, o pesquisador não pode se limitar ao ato contemplativo, pois se encontra perante um sujeito que tem voz, e não pode apenas contemplá-lo, mas tem de falar com ele, estabelecer um diálogo com ele. Inverte-se, desta maneira, toda a situação, que passa de uma interação sujeito-objeto para uma relação entre sujeitos. De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva dialógica. Isso muda tudo em relação à pesquisa, uma vez que investigador e investigado são dois sujeitos em interação.

O homem não pode ser apenas objeto de uma explicação, produto de uma só ciência, de um só sujeito, mas deve ser também compreendido, processo esse que supõe duas consciências, dois sujeitos, portanto, dialógico.

Com essas considerações é possível afirmar que a pesquisa qualitativa vai exigir do pesquisador uma postura interrogativa e permanente vigilância de confronto entre os dados recolhidos e a teoria que embasa a sua interpretação. A abordagem qualitativa exige do pesquisador esse diálogo permanente, esse ir e vir

a todo tempo à teoria e ao campo de investigação de uma forma dialética, provocativa dos “achados” da pesquisa. Possibilita ao pesquisador condições metodológicas de perscrutar o inaudível, de olhar o invisível, de ir até os produtores de conhecimentos, não simplesmente de dar vozes aos sujeitos, mas a pesquisa é a voz dos sujeitos, pois eles têm e produzem suas próprias vozes.

Dessa forma, quando se fala de pesquisa qualitativa, está se falando de uma forma de conhecer o mundo que se materializa fundamentalmente através dos procedimentos conhecidos como qualitativos, que entende que o conhecimento não é isento de valores, de intenção e da história de vida do pesquisador, e muito menos das condições sociopolíticas do momento. Como já dizia Paulo Freire: *a escolha da pergunta de pesquisa já é em si um ato embebido de subjetividade.*

Com vistas a completar o debate em torno da natureza da pesquisa, com base na produção do autor Gil (1991), de forma bem sintética – em função do espaço que temos nesse artigo e para não fugir do nosso objetivo que é a apresentação de como realizar uma entrevista – apresentaremos as noções conceituais dos tipos de pesquisa de dois pontos de vista. Em relação às pesquisas do ponto de vista dos seus objetivos, Gil (1991) assim as conceitua:

A) Pesquisa Exploratória: visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso.

B) Pesquisa Descritiva: visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento.

C) Pesquisa Explicativa: visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Aprofunda o

conhecimento da realidade porque explica a razão, o “porquê” das coisas. Quando realizada nas ciências naturais, requer o uso do método experimental, e nas ciências sociais requer o uso do método observacional. Assume, em geral, as formas de Pesquisa Experimental e Pesquisa Expost-facto.

Com relação às pesquisas do ponto de vista dos procedimentos técnicos, Gil (1991) as define da seguinte forma:

A) Pesquisa Bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet.

B) Pesquisa Documental: quando elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico.

C) Pesquisa Experimental: quando se determina um objeto de estudo, selecionam-se as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definem-se as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.

D) Levantamento: quando a pesquisa envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.

E) Estudo de caso: quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento.

F) Pesquisa Expost-Facto: quando o “experimento” se realiza depois dos fatos.

G) Pesquisa-Ação: quando concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

H) Pesquisa Participante: quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas.

A formulação do problema: a pesquisa se inicia

A preparação de um projeto de pesquisa inicia-se pela formulação de um problema de pesquisa e, em consequência, a definição de um procedimento que gere uma informação relevante como resposta, demonstrando-se, com fidedignidade, que essa informação é decorrente do procedimento empregado e que as respostas produzidas por ele não são apenas algumas respostas possíveis, mas também as melhores, nessas circunstâncias, incluindo-se aí o referencial teórico como respaldo.

Deste modo, o problema precisa existir e é o foco da questão para dirigir o trabalho de coleta de informações e, posteriormente, organizá-las, dar-lhes um tratamento interpretativo e finalizá-las, *in tempore*, apresentando e divulgando-as para os pares e a sociedade.

A formulação do problema exige do pesquisador a observância de critérios como a afetividade em relação a um tema ou alto grau de interesse pessoal e a significação do tema escolhido, sua novidade, sua oportunidade e seus valores acadêmicos e sociais.

Instrumentos de coleta de dados: a entrevista como técnica

Os instrumentos de coleta de dados em uma pesquisa se inserem no item do projeto de pesquisa relativo à definição metodológica, ou seja, nesta parte do projeto o pesquisador procura responder detalhadamente de que forma, onde, quando e como os dados serão levantados, analisados e interpretados.

Para este trabalho nos deter-nos-emos na apresentação dos aspectos conceituais e operacionais da entrevista como uma técnica que possibilita o levantamento dos dados da realidade empírica. Entretanto, antes disso, acreditamos ser pertinente destacar, por meio do quadro abaixo, as diversas probabilidades que o pesquisador pode utilizar para o recolhimento das informações. Pretendemos

não somente elencar os tipos de técnicas, mas trazer para comparação os pontos fortes e fracos de cada técnica.

Técnica de Coleta	Pontos Fortes	Pontos Fracos
Questionário	<ul style="list-style-type: none"> - Garante o anonimato - Questões objetivas de fácil pontuação - Questões padronizadas garantem uniformidade - Deixa em aberto o tempo para as pessoas pensarem sobre as respostas - Facilidade de conversão dos dados para arquivos de computador - Custo razoável 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa taxa de respostas para questionários enviados pelo correio - Inviabilidade de comprovar respostas ou esclarecê-las - Difícil pontuar questões abertas - Dá margem a respostas influenciadas pelo <i>"desejo de nivelamento social"</i>(*) - Restrito a pessoas aptas à leitura - Pode ter itens polarizados/ambíguos
Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Flexibilidade na aplicação - Facilidade de adaptação de protocolo - Viabiliza a comprovação e esclarecimento de respostas - Taxa de resposta elevada - Pode ser aplicada a pessoas não aptas à leitura 	<ul style="list-style-type: none"> - Custo elevado - Consome tempo na aplicação - Sujeita à polarização do entrevistador - Não garante o anonimato - Sensível aos efeitos no entrevistado - Características do entrevistador e do entrevistado - Requer treinamento especializado - Questões que direcionam a resposta
Observação Direta	<ul style="list-style-type: none"> - Capaz de captar o comportamento natural das pessoas - Minimiza influência do <i>"desejo de nivelamento social"</i> - Nível de intromissão relativamente baixo - Confiável para observações com baixo nível de inferência 	<ul style="list-style-type: none"> - Polarizada pelo observador - Requer treinamento especializado - Efeitos do observador nas pessoas - Pouco confiável para observações com inferências complexas - Não garante anonimato - Observações de interpretação difícil - Não comprova/esclarece o observado - Número restrito de variáveis
Registros Institucionais (Análise Documental)	<ul style="list-style-type: none"> - Baixo custo - Tempo de obtenção é reduzido - Informação é estável 	<ul style="list-style-type: none"> - Dados incompletos ou desatualizados - Excessivamente agregados - Mudanças de padrões no tempo - Uso restrito (confidencialidade) - Dados difíceis de recuperar
Grupo Focal	<ul style="list-style-type: none"> - Baixo custo e resposta rápida - Flexibilidade na aplicação - Eficiente para obter informações qualitativas em curto prazo - Eficiente para esclarecer questões complexas no desenvolvimento de projetos - Adequado para medir o grau de satisfação das pessoas envolvidas 	<ul style="list-style-type: none"> - Exige facilitador/moderador com experiência para conduzir o grupo - Não garante total anonimato - Depende da seleção criteriosa dos participantes - Informações obtidas não podem ser generalizadas

Fonte: McMillan, J. H. and Schumacher, S. *Research in Education*. Addison Wesley Educational Publishers Inc., New York, 1997, pp. 274-275, apud Eduardo Fernandes Barbosa, 1999, <http://www.sit.com.br/Separata/ENS0019.htm>

Com o objetivo de aprofundamento sobre a técnica de coleta Entrevista, levantamos algumas questões para discussão: a) quais são as habilidades necessárias para que um pesquisador se transforme em um exigente entrevistador; b) quais devem ser os procedimentos a serem utilizados na entrevista; c) como selecionar e distinguir as características dos sujeitos realmente habilitados para participar da entrevista. Estas questões foram formuladas a partir de questionamentos postos pelos acadêmicos durante as aulas.

Rosa; Arnoldi (2006, p. 14) orientam o pesquisador que fez a opção pela entrevista quanto às seguintes análises iniciais que deverá pressupor:

- a) O problema em questão será realmente solucionado através da contribuição da utilização dessa técnica?
- b) De todas as técnicas de coleta de dados, essa é a que melhor viabilizará o desenvolvimento da pesquisa, fazendo-a fluir, complementando-a e respondendo a todas as dúvidas, com validação?
- c) O entrevistador é um profundo conhecedor do tema sobre o qual fará questionamentos?
- d) O entrevistador está preparado psíquica e fisicamente para o desenvolvimento da Entrevista?
- e) O entrevistador é capacitado e preparado para efetivar a formulação de questões inesperadas, que, na condução da Entrevista, se fizerem necessárias?
- f) O entrevistador está capacitado para analisar e codificar corretamente os dados obtidos através das respostas, e com o devido discernimento?
- g) O entrevistador tem como proceder com adequação à seleção dos sujeitos para a entrevista e de maneira justificável?

0

A literatura aponta vários autores que apóiam a seleção da técnica da entrevista para a coleta de dados. Esses autores apresentam essa técnica como:

A entrevista é uma ferramenta imprescindível para se trabalhar

buscando-se contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explícita, porém tranqüila, e em comunhão com o seu entrevistador que deverá, inicialmente, transmitir atitudes que se transformem em transferências e troca mútua de confiabilidade. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 14)

De acordo com Salvador (1980), a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das ciências sociais e psicológicas. Recorrem estes à entrevista sempre que têm necessidade de obterem dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes ser fornecidos por determinadas pessoas.

A entrevista é a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Rosa; Arnoldi (2006) concluem sobre a validade dessa técnica que a entrevista deve ser feita pelo pesquisador quando precisar valer-se de respostas mais profundas para que os resultados da sua pesquisa sejam realmente atingidos e de forma fidedigna.

Em presença de qualquer técnica que o pesquisador venha eleger para proceder ao recolhimento dos dados, ele se defrontará com os limites e as possibilidades de seu emprego. Por isso, o pesquisador-entrevistador deve ficar atento, porquanto a entrevista resulta de um processo comunicativo para a obtenção de informações que dependem da combinação de elementos internos e externos. Assim, é imprescindível que o entrevistador tenha como ponto de partida, toda a visualização do contexto externo, cultural e histórico em que está inserido o sujeito a ser pesquisado, e, também neste momento, o conteúdo da pesquisa em questão, podendo prosseguir ou iniciar a coleta de dados somente após essa averiguação,

para que não se perca em caminhos transversos.

A confiabilidade é um dos aspectos relevantes da entrevista para garantir a validação dos dados. O maior enfoque, nesse âmbito, deverá centrar-se na cordialidade que conduzirá a uma inter-relação de confiança. Ocorrendo o contrário, a entrevista estará, conseqüentemente, fadada ao insucesso.

Segundo Romanelli (1998, p. 125-126),

a entrevista é uma relação didática, que cria uma forma de sociabilidade específica, limitada no tempo, sem continuidade, em que, inicialmente, os parceiros da diáde se defrontam como estranhos, pautados por uma alteridade que aparentemente não admite o encontro e que deve ser superada para que a matéria-prima do conhecimento possa ser produzida durante esse encontro que transforma estranhos em parceiros de troca.

Esse mesmo autor esclarece acerca de como deve ser a relação entre entrevistado e entrevistador. O entrevistador relaciona-se com o entrevistado, de modo específico não propriamente através diálogo, mas através de questionamentos, e como aquele não emite julgamento sobre o relato, embora às vezes seja solicitado a fazê-lo, o entrevistado sente-se à vontade para expor suas opiniões e, muitas vezes, alguns sentimentos.

Na condução da entrevista, Rosa; Arnoldi (2006) alertam para a necessidade de o entrevistador estabelecer limites no momento da análise dos dados, devendo ter habilidades que lhe permitam distinguir e selecionar as respostas adequadas ao tema, lembrando que essas foram emitidas em um contexto repleto de subjetividade.

Quem esclarece bem sobre a essa questão é Romanelli (1998, p.128), ao dizer que

a subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre os sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicitada, e assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador, vale dizer, da

experiência que ele lentamente vai assimilando como pesquisador.

De acordo com o esclarecido, as respostas dadas no ato da entrevista chegam ao entrevistador repletas de sentido, às vezes sem muita reflexão, sendo a fala elaborada com a síntese de múltiplas experiências que o entrevistado mesmo seleciona e interpreta no exato momento em que é interrogado ou questionado.

Romanelli (1998, p.130) enfatiza a importância do papel do entrevistador para dar conta desse manancial de representações, vivências e experiências originárias das entrevistas. As informações obtidas pelo conteúdo das falas dos entrevistados contêm subjetividade, este é um dos pontos perigosos e densos dessa técnica. Cabe ao entrevistador desempenhar

{...} o papel do Entrevistador, mas como responsável por proceder a uma profunda avaliação, classificando e categorizando as respostas, e organizando-as de acordo com o conteúdo e com o tema, selecionando as palavras e solicitando, às vezes, maiores esclarecimentos, através de novos questionamentos, quando necessários. Outra grande dificuldade é que as falas são produzidas e elaboradas por sujeitos com diferentes recursos reflexivos e com maior ou menor facilidade de expressão verbal.

A fim de que os dados obtidos por meio da entrevista garantam a validação dos resultados, é exigido do entrevistador a aquisição de procedimentos e habilidades próprios dessa técnica. Denzin (1970, p.133), *apud* Rose; Arnoldi, (2006, p.26) “(...) recomenda que os entrevistadores se mantenham sempre dentro dos limites e das regras de etiqueta em relação aos entrevistados.”

Esta posição, a meu ver, deve ter validade para qualquer procedimento de coleta de dados; o pesquisador deverá ficar atento aos limites estabelecidos de respeito à identidade e à cultura dos entrevistados e das instituições que representam. 1

O diálogo é o instrumento que pode afiançar o estabelecimento da interação entre entrevistado e entrevistador, elemento constitutivo para a validação dos resultados. Sem a afirmação da interação, não se desenvolve o diálogo que possibilita

ao entrevistado se abrir, ou seja, se “desnudar” de qualquer tipo de couraça.

De acordo com Erlandson *et al.* (1993, p. 86) *apud* Rose; Arnoldi (2006, p.26-27) “ (...) as entrevistas tendem a adotar sempre a forma de um diálogo e de uma interação”. E as razões são:

a) Na entrevista, a participação do entrevistado e do entrevistador conta com expectativas explícitas: um fala e o outro escuta.

b) O entrevistador anima, constantemente, o entrevistado a falar, e, pelo visto, as reticências mais comuns desaparecem.

c) O entrevistador deve organizar e manter a conversação, pois ele é o responsável direto pelos resultados, criando um mundo de ilusão, de fácil comunicação em que devem parecer breves as entrevistas prolongadas.

A entrevista é, portanto, muito complexa, dependendo sempre de fatores internos e externos, do conhecimento do entrevistador a respeito do tema, da interação entrevistador/entrevistado, para que seja, inicialmente, viabilizada com facilidade.

A literatura indica que a entrevista pode ser classificada, de acordo com o nível de estruturação e roteiro de questões utilizadas, em estruturada, semi-estruturada e livre. Diante do problema, do tema e das questões que busco responder, fiz a opção pela entrevista semi-estruturada.

Na entrevista semi-estruturada, as questões deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados. O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade. Frequentemente, as questões dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos. Exigem que se componha um roteiro de tópicos selecionados. Seguem uma formulação flexível, e a seqüência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente.

Rosa; Arnoldi (2006, p.82-83) trazem uma lista de recomendações que deverão ser observadas pelo entrevistador na condução da entrevista. A título de

exemplificação, destacamos alguns pontos:

- Saber como e quando, isto é, o momento exato de transmitir ao entrevistado todas as informações necessárias;
- Possibilitar ao entrevistado que faça todos os questionamentos que se fizerem necessários, deixando-o visivelmente à vontade;
- Ter facilidade de compactuar-se com estranhos;
- Ter pleno conhecimento científico da aplicação das técnicas de Entrevista;
- Ser profundo conhecedor do tema em questão, procurando aprimorar-se antes da aplicação da Entrevista, preocupando-se com a sua competência ante o projeto proposto;
- Ser sabedor de que deverá desenvolver a Entrevista, preferencialmente, com indivíduos dotados de autonomia plena;
- Garantir o retorno dos benefícios obtidos por meio da Entrevista às pessoas ou às comunidades participantes.

A guisa de conclusão

Um dos objetivos propostos nesse trabalho foi o de descrever as contribuições que a disciplina Metodologia de Pesquisa Educacional pode oferecer aos seus participantes. Aproveitemos este espaço para discutir conceitualmente o que é pesquisa científica, a abordagem da pesquisa qualitativa, as características de um problema de ordem científica, os tipos de pesquisas quanto ao objetivo e ao procedimento técnico. De forma objetiva, procuramos, com maior detalhamento, conceituar e informar as características da Entrevista como procedimento associado à pesquisa qualitativa. Isso foi possível, a partir de uma revisão de obras atualizadas e do aproveitamento das discussões desencadeadas durante o desenvolvimento da referida disciplina.

No plano do pólo epistemológico da pesquisa qualitativa x quantitativa, a despeito das disputas em torno de um *continuum* ou de uma distinção dicotômica entre as diversas abordagens nas ciências humanas, junto com outros autores, concordamos que estes dois paradigmas se complementam. Assim, como Legendre

(1993, p. 163-164) *apud* Herbert; Boutin, (1996, p. 177) instrui,

para que as hipóteses de sucesso aumentem, dever-se-ão conjugar todas as abordagens de estudo possíveis: investigações quantitativas, qualitativas e de acção, percepções etnológicas, sociológicas, ecológicas, filosóficas, psicológicas, naturalistas, idiossincráticas, etc.

Com relação ao pólo técnico, o empreendimento mais detalhado e direcionado foi situar conceitual e procedimentalmente como os pesquisadores recorrem à técnica da entrevista como meio de coleta de dados empregado nas ciências humanas.

A técnica da entrevista é extremamente útil e complementar à observação participante, mas sem dúvida, como ficou evidenciado no texto, necessária quando se trata de coletar dados válidos sobre crenças, opiniões e idéias dos sujeitos observados.

A confiabilidade é um dos aspectos relevantes da entrevista para garantir a validação dos dados. O maior enfoque, nesse âmbito, deverá centrar-se na cordialidade que conduzirá a uma inter-relação de confiança. Ocorrendo o contrário, a entrevista estará, conseqüentemente, fadada ao insucesso.

Na condução da entrevista há a necessidade de o entrevistador estabelecer limites no momento da análise dos dados, devendo ter habilidades que lhe permitam distinguir e selecionar as respostas adequadas ao tema, lembrando que essas foram emitidas em um contexto repleto de subjetividade.

Finalizando, acreditamos que este artigo poderá acrescentar algum esclarecimento para um melhor entendimento dos embasamentos filosóficos, epistemológicos e procedimentais da pesquisa científica, ajudando a clarificar as opções metodológicas perante o objeto de investigação.

Referências

ANDRÉ, Marli E. D. A de. *Etnografia da prática escolar*. 4. ed. São Paulo: Papirus, 1995. 128 p.

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 49, p. 51-54, maio 1984.

BICUDO, Maria A. V. Sobre a fenomenologia. BICUDO, Maria A. V., ESPOSITO, Vitória H. C. **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1994. p. 15-22

BICUDO, Maria A. V., ESPOSITO, Vitória H. C. **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1994. 233 p.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo:

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.

GARNICA, A. V. M. **História Oral e educação Matemática**. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FINI, Maria Inês. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, Maria A. V., ESPOSITO, Vitória H. C. **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1994. 233 p.

FREITAS, Maria Teresa Assunção de. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, julho/ 2002 p.21-39, julho/ 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas. 1999.

HÉBERT, Michelle Lessard; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Tradução Maria João Reis. Lisboa: Instituto PIAGET, 1996. 184p.

LAPASSADE, Georges. Da multirreferencialidade como bricolagem. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org). **Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p.126-147.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

LUNA, S. V. de. O falso conflito entre tendências metodológicas. **Temas em debate**. São Paulo: PUC, UNICAMP, n. 66, p.70-74, ago.1998 (**Caderno de pesquisa**).

OZMON, Howard A ; CRAVER, Samul M. **Fundamentos Filosóficos da Educação**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MACHADO, Ozeneide V. Mello. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: MORIN, Edgar. **Ciencia con consciencia** . Barcelona: Anthrops, 1984. 369p.

RIBEIRO, E. A. **A prática pedagógica da avaliação escolar: um estudo de caso no contexto do CEFET/MG-UNED/ARAXÁ.** 2002. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z.M.M.(Org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa.** Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

ROSA, M. V. F. P. de; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autentica, 2006. 112p.

SANTOS, Boaventura de. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989. 176 p.

SALVADOR, A.D. **Métodos e técnicas de pesquisas bibliográficas: elaboração de trabalhos científicos.** 8.ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

STAKE, R. E. Pesquisa qualitativa/naturalista: problemas epistemológicos. **Educação e Seleção.** n. 7, jan/jun. 1983.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

* **Elisa Antônia Ribeiro**, Mestra em Educação pelo CEFET-MG, Doutoranda em Educação pela UFU, Professora do UNIARAXÁ.

Endereço eletrônico: ribeielisa@gmail.com.

Abstract – This piece of writing intends to think about some of the more common difficulties which students of Pedagogy find when they have the challenge of writing their search project to accomplish their final work of conclusion course. We tried to treat the questions showed in this text, using a clear and an objective form, an exhausted treatment, in order to the intention of the writing was that as it is a text to think about the general notions about search. So, we tried to clear the sense of researching; and also we establish a critical analysis about the quantity of the data. We show as an enuciative form some concepts about kinds of researches at the view of the objectives and the technical procedures. At the end of the text and also the deepest part, w clarified which are the most important characteristics of the interviewer and which necessary procedures to realize the interview as an instrument of collecting information. We believe that this study can bring an important contribution to whom wishes to face the challenge of researching – and also the comprehension that the scientific study is an accessible way for everybody and not for some illuminated persons.

Key-words: scientific research, quality pattern, interview.
